

DO ORIENTE PARA OCIDENTE: CONTRIBUTO PARA O CONHECIMENTO DA PORCELANA CHINESA NOS QUOTIDIANOS DE ÉPOCA MODERNA

ESTUDO DE TRÊS CONTEXTOS ARQUEOLÓGICOS DE LISBOA

JOSÉ PEDRO VINTÉM HENRIQUES

RESUMO Com base em três conjuntos de porcelana chinesa recuperados em escavações arqueológicas, procurámos trazer à discussão o papel desempenhado por este tipo de produções na cidade de Lisboa, recorrendo para tal à atribuição da funcionalidade que desempenhavam nos quotidianos dos séculos XVI, XVII e XVIII.

PALAVRAS-CHAVE Cerâmica, porcelana chinesa, Lisboa, século XVI a XVIII

1. INTRODUÇÃO

O aparecimento de porcelana chinesa nos contextos arqueológicos portugueses de Época Moderna revela-se uma constante, apesar disso, continua a não ter um papel de destaque na investigação arqueológica nacional, permanecendo sobretudo no domínio da História de Arte e do comércio de antiguidades.

Desta forma, entendemos que os objectos recuperados em contextos arqueológicos contribuem para uma leitura mais realista do papel que desempenham nesses quotidianos. Por não estarem sujeitos à artificialidade da formação de uma colecção privada, desfasada da contemporaneidade das peças que a constituem, permitem-nos um olhar mais acertado acerca do que chega a Portugal por via da Carreira da Índia.

Através da atribuição de cronologias e de centros produtores, pretendemos compreender a dinâmica comercial da porcelana na época em que começa a ser importada para a Europa analisando, ainda que de forma sumária, o papel dos portugueses no comércio deste produto.

Na totalidade do espólio estudado foi possível reconhecer um elevado número de peças com formas e produções muito distintas, distribuídas cronologicamente desde os inícios do século XVI até aos meados do século XVIII aquando da ocorrência do Terramoto de 1755.

2. CONTEXTO ARQUEOLÓGICO

O conjunto estudado provem de três escavações arqueológicas realizadas na zona histórica da cidade de Lisboa.

A intervenção mais antiga é a que foi levada a cabo no Palácio do Conde de Penafiel, actual sede da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, na Rua de S. Mamede, n.º 21, entre 1992 e 1993. Embora não exista o relatório dos trabalhos arqueológicos realizados, impossibilitando a compreensão do seu contexto, a importância e variedade do conjunto, actualmente em depósito no Museu da Cidade, levaram-nos a integrá-lo neste estudo.

Efectuada entre Outubro de 2004 e Maio de 2005, as escavações no edifício do Aljube em Lisboa, da responsabilidade do Dr. Clementino Amaro, colocaram a descoberto metade de um pátio quinhentista, abandonado nos finais desta centúria e colmatado com abundante espólio cerâmico, vítreo e faunístico, provavelmente na sequência de um grave surto de peste que ocorre na cidade de Lisboa na última década do século XVI, sendo por isso o contexto com datação mais circunscrita de que dispomos.

A escavação realizada na Rua de S. Mamede, n.º 5 A, também da responsabilidade do Dr. Clementino Amaro, efectuada na continuação do edifício do actual Museu

do Teatro Romano de Lisboa, permitiu a colocação a descoberto da estrutura do *postcaenium* em mais dois metros da sua extensão. A área intervencionada correspondia ao antigo espaço do Celeiro da Mitra que aí funcionou até ao terramoto de 1755, tendo sido posteriormente abandonado e colmatado com os entulhos provenientes da demolição e reconstrução da cidade de Lisboa. Deste contexto, foi possível recuperar algumas peças em porcelana chinesa, datadas de meados do século XVI até aos finais do século XVIII, a que também fazemos menção.

3. ESTUDO DE ESPÓLIO

A importação de porcelana chinesa pelos portugueses encontra-se documentalmente comprovada desde a primeira viagem à Índia realizada por Vasco da Gama. A partir dessa altura começa a desembarcar no reino português nas suas mais variadas formas e funcionalidades.

O comércio de porcelana sempre se mostrou muito intenso no sudeste asiático, tendo sido provavelmente nesses mercados que as primeiras peças foram adquiridas pelos navegadores portugueses, sobretudo até ao ano de 1511, data da conquista da cidade de Malaca. Esta cidade, importante entreposto comercial na região, passa a constituir a principal base de apoio à navegação portuguesa nos mares do sul da China, com a qual estabelece os primeiros contactos oficiais no ano de 1517.

No decurso deste estudo, identificámos um conjunto de peças em porcelana, datadas da transição do século XV para o século XVI, do reinado do imperador Zhengde (1506-1521). Trata-se de um conjunto de três pratos, três tigelas e uma caixa, todas com decoração a azul e branco, com excepção de um prato em porcelana branca, sem qualquer decoração.

Os pratos apresentam corpo feito em porcelana branca ou bege e vidrado com *craquelé*, com decorações típicas deste período, feitas com pinceladas fortes, sem contornos, com a representação de um *qilin* no centro do prato e decoração em arabescos na aba, idênticos a peças recuperadas no arquipélago das Filipinas, em Catalagan na ilha de Luzon, e na Fundação Baur, em Genebra (figs. 2 e 6) (Locsin e Locsin, 1970, p. 187; Crick, 2010, p. 275). As taças, apresentam decoração com peónias (fig. 1) e enrolamentos de lótus (fig. 3), afim às da Fundação Baur (Crick, 2010, p. 307, fig. 187 e p. 310, fig. 198) e de alguns exemplares recuperados no naufrágio do *Lena* (Goddio, 2002, p. 177, fig. 211), com excepção da taça de reduzidas dimensões que apresenta motivo fitomórfico não identificável, mas cujas características decorativas nos fazem integrá-la

na mesma cronologia (fig. 5). A caixa, cuja forma não é possível determinar devido à exiguidade do fragmento, assenta num pé em forma de cabeça de elefante estilizada, em que a tromba serve de suporte, semelhante a caixa de forma circular, recuperada na ilha de Palawan, também nas Filipinas datada de finais do século XV e início do século XVI (fig. 10) (Locsin e Locsin, 1970, p. 189).

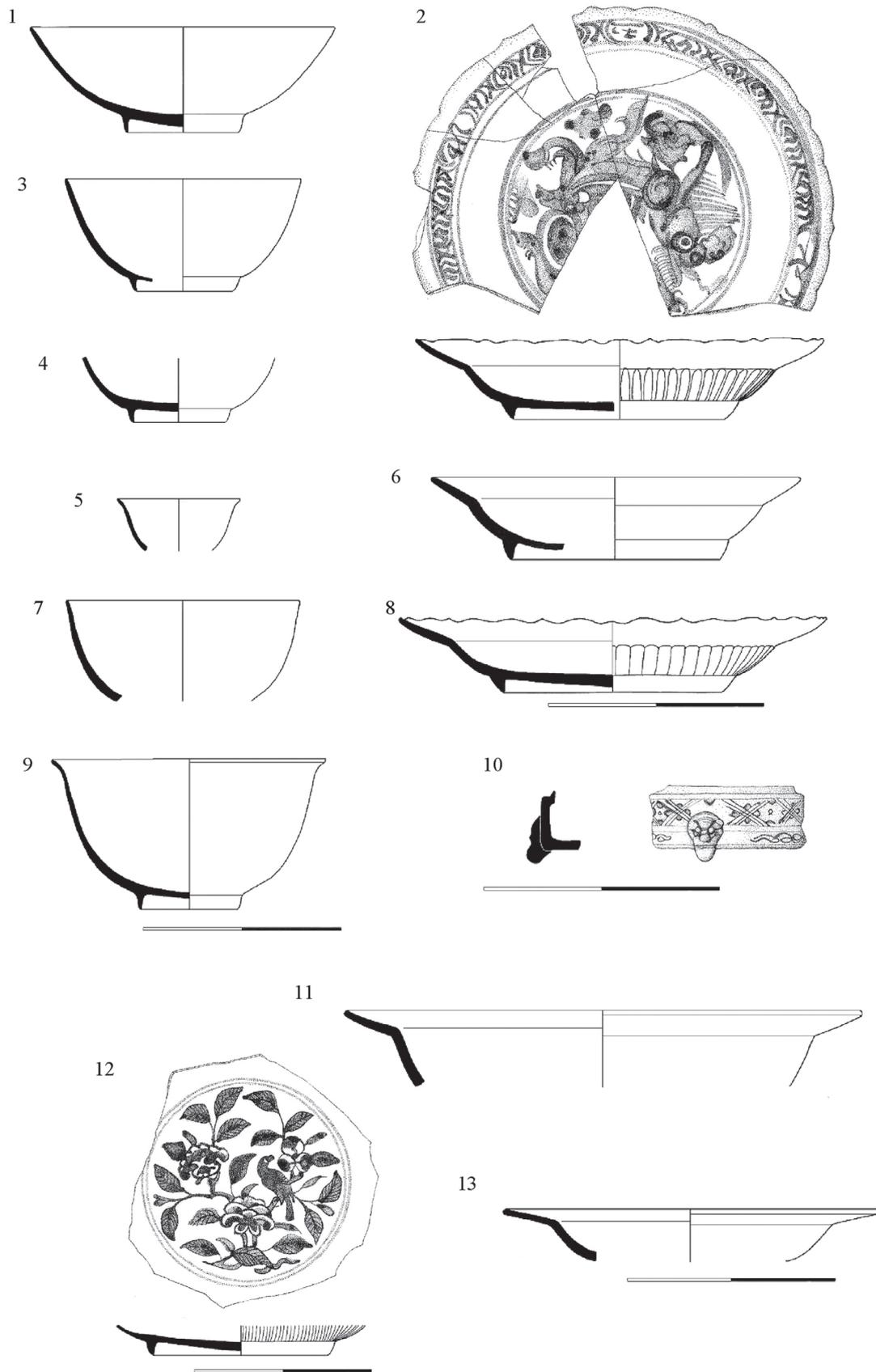
De facto, pudemos ainda identificar algumas peças com decorações semelhantes recuperadas no naufrágio do junco *Lena*, datado de finais do século XV (Goddio, 2002), justificando a sua precocidade, constituindo assim as mais antigas peças de porcelana chinesa identificadas até agora nos contextos arqueológicos nacionais.

O facto de nesta altura ainda não existir contacto directo entre os comerciantes portugueses e os portos da China, leva-nos a crer que a aquisição destas peças tenha sido realizada na cidade de Malaca ou nas diversas cidades comerciais do oceano Índico, ou do sudeste asiático, visto que se tratam de peças típicas de exportação para essas zonas, demonstrando assim a interferência dos portugueses nessas redes comerciais e que, salvo as excepções protagonizadas pelas peças de encomenda ligeiramente mais tardias, importavam para Lisboa os objectos que já circulavam nos mares do extremo oriente, aquando da sua chegada.

A baixa qualidade dos objectos acima enumerados, pode levar-nos a outras interpretações, sobretudo no que respeita ao seu consumo no local de chegada. De facto, a investigação sobre porcelana chinesa encontra-se muito ligada à História da Arte e ao comércio de antiguidades, que valorizam sobretudo os objectos de boa qualidade, associando-os a elites abastadas com capacidade para os adquirir, generalizando essa leitura para a realidade histórica, transformando desta forma a porcelana num elemento de distinção social.

Por outro lado, acreditamos que existia uma clara diferenciação entre as peças adquiridas pela família real e elites abastadas por um lado, e as que circulavam em maior número pelas classes sociais com capacidade económica inferior, mas que mesmo assim podiam adquirir alguns destes objectos exóticos.

Alguns autores, defendem que a quantidade de porcelana trazida para Portugal seria em escassa quantidade, com base nas listas alfandegárias, onde a maioria da carga correspondia a pimenta, estando os restantes artigos de luxo resumidos a uma percentagem reduzida do total, entre os quais se contam porcelanas, móveis e pedras preciosas (Santos, 2007, p. 55-56). No entanto, não devemos esquecer que os tripulantes das embarcações estavam autorizados a trazer e comerciar especiarias, como complemento do seu soldo.



ESTAMPA 1. Aljube (ALJ), figs. 1-8 e 10-13; Palácio do Conde de Penafiel (PCP), fig. 9.

Não estando a porcelana sujeita a monopólio régio, essas cargas particulares devem ter chegado ao reino sem um controlo efectivo da Casa da Índia, correspondendo provavelmente às peças mais abundantes nos contextos arqueológicos portugueses, normalmente de dimensões mais reduzidas e de qualidade inferior e por isso mais baratas, facilmente adquiridas e transportadas, e adaptáveis a uma utilização efectiva nos quotidianos da população de Lisboa, como as acima referidas, onde foi possível verificar a presença de marcas de uso através do desgaste do vidro, sobretudo concentradas no fundo da superfície interna.

Devemos, no entanto, ter em conta a circulação de peças mais raras, de muito boa qualidade, que circulavam entre as classes mais abastadas. Exemplo disso são os pratos de grandes dimensões, datados do reinado do imperador Zhengde, existentes no tecto do Palácio de Santos, que chegou a ser residência real ao longo do século XVI, com cerca de 50 centímetros de diâmetro cada um (Lion-Goldschmidt, 1988, p. 16-18, figs. 12-17).

Uma das primeiras referências feitas à porcelana é da autoria de Gaspar Correia, que dá especial atenção às dimensões das peças de porcelana ofertadas ao rei D. Manuel. "... *huma panela de porcelana (com) cinquenta papos de almíscar, seis bacios de porcelana grandes como grandes gamelas, (...) e seis porcelanas couas, que quada huma levaria dez canadas d'agoa...*" (Cit. por Dias, 1998, p. 438).

Outro exemplo documentado é a taça com inscrição em latim oferecida por Catarina de Áustria ao Núncio Papal Pompeo Zambeccari em 1554, actualmente no Museu Cívico de Bolonha (Antunes, 1998, p. 12). Como este, existem vários exemplos de peças com inscrições em latim ou insígnias, normalmente associadas a peças de boa qualidade e de maiores dimensões, exceptuando uma pequena taça, com a representação da Cruz de Cristo, recuperada nas intervenções arqueológicas do Largo do Chafariz de Dentro, em Lisboa.¹

Também no casamento de Maria de Portugal e Alexandre Farnese em 1565, existe a referência à utilização de porcelanas como recipientes de ir à mesa (Santos, 2007, p. 57). Ou então, o caso das peças de porcelana de boa qualidade recuperadas durante as escavações do Convento de Santa Clara a Velha, um mosteiro de clarissas, geralmente vindas das principais famílias da nobreza (Santos, 2002).

Uma citação muito frequente nos principais estudos de porcelana é a de frei Bartolomeu dos Mártires,

1. Informação apresentada na comunicação "O Largo do Chafariz de Dentro – Alfama em Época Moderna", durante a realização deste congresso.

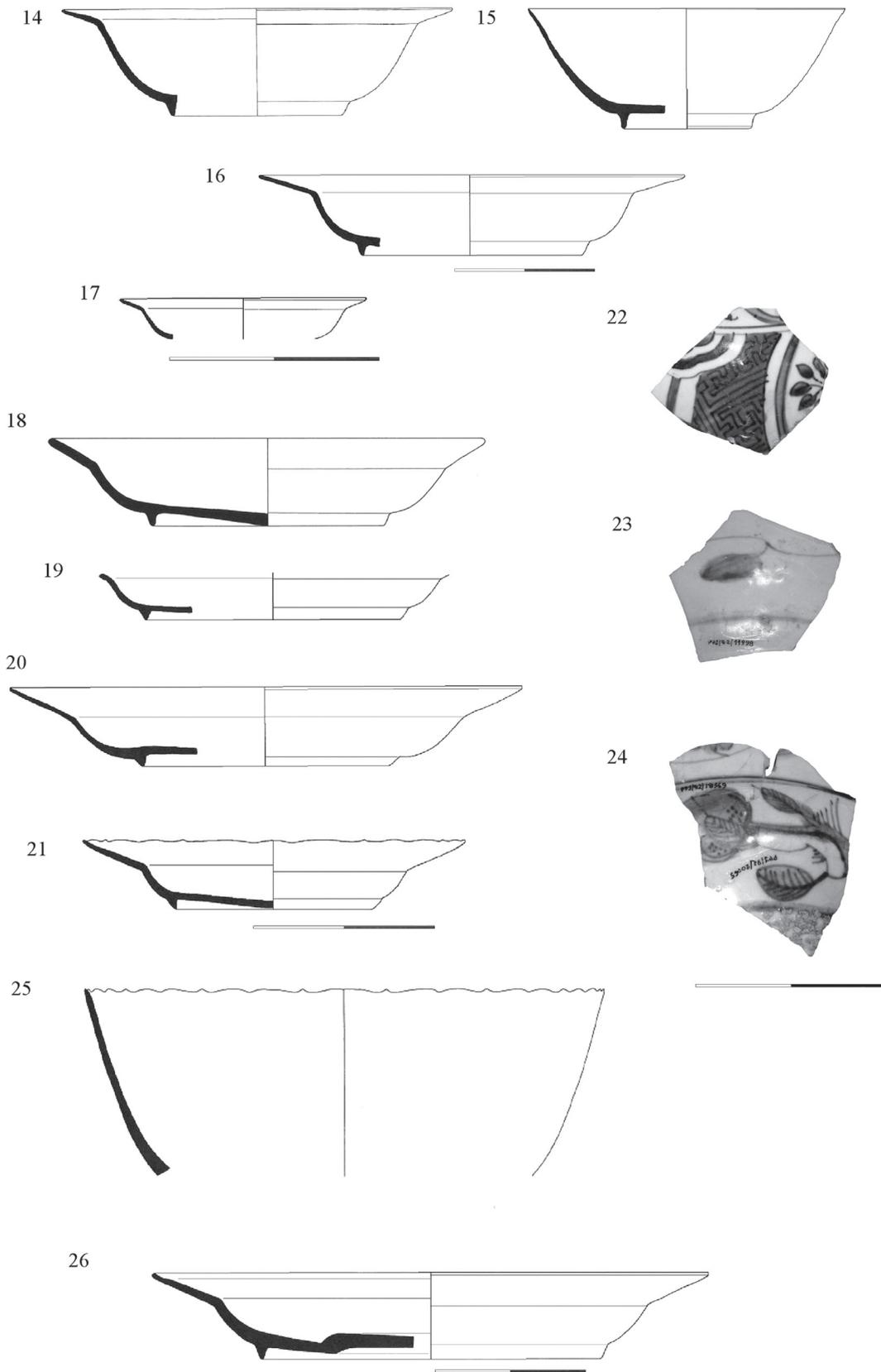
quando da sua estadia na corte papal para a realização do Concílio de Trento em 1563. Esta é normalmente associada ao elevado valor social que a porcelana comporta, e não a uma atitude de recato e de contenção no aparato da Igreja, substituindo as pratas pela porcelana, que o Bispo de Braga através da sua intervenção, tentava amenizar, por estas serem igualmente dignas "por delícia e curiosidade" de príncipes e reis por toda a Europa (Cit. por Dias, 1998, p. 438).

Desta forma, será plausível admitirmos, que desde o início do século XVI, existe uma clara diferença entre o tipo de peças adquiridas por classes sociais com maior poder de aquisição, raras nos contextos arqueológicos nacionais e aquelas, que devido às suas características mais modestas, seriam adquiridas em maior número por indivíduos com menor poder de compra, apresentando uma maior expressão nos contextos modernos de Lisboa, e que a ausência destas nas fontes documentais, não constitui um elemento comprovativo da sua ausência.

A partir de 1521, os portugueses estão proibidos de comerciar com a China, no entanto, estabelecem um comércio clandestino com base na cumplicidade das autoridades locais dos portos do sul da China, extremamente proveitoso para ambas as partes e que pouco afectou a importação de porcelana para Lisboa. Em 1552, graças à pressão exercida pelas populações costeiras na corte imperial, esta proibição é levantada, tornando possível a fixação dos portugueses em Macau, que vai conhecer um fulgurante crescimento económico até à década de oitenta desta centúria.

Do espólio recuperado nas escavações arqueológicas do Aljube, foram ainda recuperados outros fragmentos de peças em porcelana, mais tardias que as anteriores, datadas do reinado do imperador Jiajing (1522-1566). No reinado deste imperador, a produção de porcelana conhece um franco desenvolvimento sobretudo na pintura e na qualidade das pastas, ganhando maior qualidade e definição dos desenhos. Este conjunto é formado por duas taças de reduzida dimensão e três pratos.

Uma das taças apresenta vidro de cor amarelado, provavelmente produzida em fornos particulares onde o controlo da qualidade é menos cuidado, com desenhos feitos a traço esbatido, sem contorno, que mostra no interior decoração composta por paisagem com altos rochedos estilizados, ondas com jactos de espuma e nuvens, semelhante a peça recuperada no convento de Santa Clara-a-Velha, em Coimbra (fig. 4) (Barreto, 2007, p. 28 fig. 14). O segundo exemplar apresenta decoração na superfície externa de vasos com ramos de peónias, que embora não tenhamos encontrado paralelo, a gramática decorativa apresenta claras afinidades com este período (fig. 7).



ESTAMPA 2. Palácio do Conde de Penafiel (PCP), figs. 14-17 e 19-26; Rua de S. Mamede (RSM), fig. 18.

No conjunto dos pratos, um dos exemplares trata-se de um fundo com decoração de um pássaro entre folhagens, provavelmente ramos de peónias, para a qual não encontramos paralelos exactos (fig. 12). No entanto, as estrias que esta peça apresenta na superfície externa, tem claras afinidades com exemplar recuperado em Santa Clara-a-Velha, da mesma cronologia (Barreto, 2007, p. 27 fig. 12). Os restantes dois exemplares com bordo em aba, decorada com enrolamentos fitomórficos e entrecruzados desenhados sobre rectângulos azuis com quadrifólios inscritos, apresentam na superfície externa decoração de elementos fitomórficos em medalhões circulares, típicos dos meados do século XVI (figs. 11 e 13) (Barreto, 2007, p. 27 fig. 13).

Contemporâneas a estas, são as três taças recuperadas no Palácio dos Condes Penafiel (PCP), com os mesmos medalhões circulares. A taça com bordo em aba apresenta no interior desses medalhões um cavalo galopando entre chamas, similares a pratos da Coleção Amaral Cabral (fig. 14) (Matos, 1997, p. 72 a 74). O segundo exemplar apresenta decoração semelhante, mas constituída por elementos fitomórficos, para a qual não encontramos paralelos decorativos (fig. 15), enquanto que o terceiro exemplar apresenta cartelas prismáticas, com os lados em forma de chaveta, decorada com paisagens no interior, e cercadura na superfície interna, abaixo do bordo, também com desenho de paisagens (fig. 25). A atribuição cronológica a este último exemplar é complicada, pois este tipo de peças mostra uma grande permanência temporal, como atestam os exemplares recuperados no junco Hatcher, naufragado entre 1643-46 (Sheaf e Kilburn, 1988, p. 59, fig. 79).

Da mesma época, é o prato também recuperado no PCP, com aba larga, onde figura decoração congénere à de um prato, com a mesma forma, do Palácio de Santos em Lisboa (fig. 16) (Lion-Goldsmith, 1984, p. 36, fig. 60).

Também do PCP, foi exumada uma taça, com pintura a azul de muito boa qualidade, com a representação de aves, voando entre um pessegueiro, apresentando no interior, um medalhão central com a representação de um pessegueiro com o tronco torcido em forma de carácter *shou*, integrável numa série de pratos do palácio Ardebil Shrine, com as mesmas características decorativas, datados de meados do século XVI (fig. 9) (Pope, 1956, Est. 80).

Foi também recuperado um prato de reduzidas dimensões com a característica decoração de paisagens aquáticas a preencher a caldeira da peça, para a qual se encontraram paralelos muito próximos, datados do terceiro quartel do século XVI, no convento de Santa Clara-a-Velha e na Casa Museu Dr. Anastácio

Gonçalves (fig. 17) (Barreto, 2007, p. 30 fig. 18; Matos, 1996, p. 91).

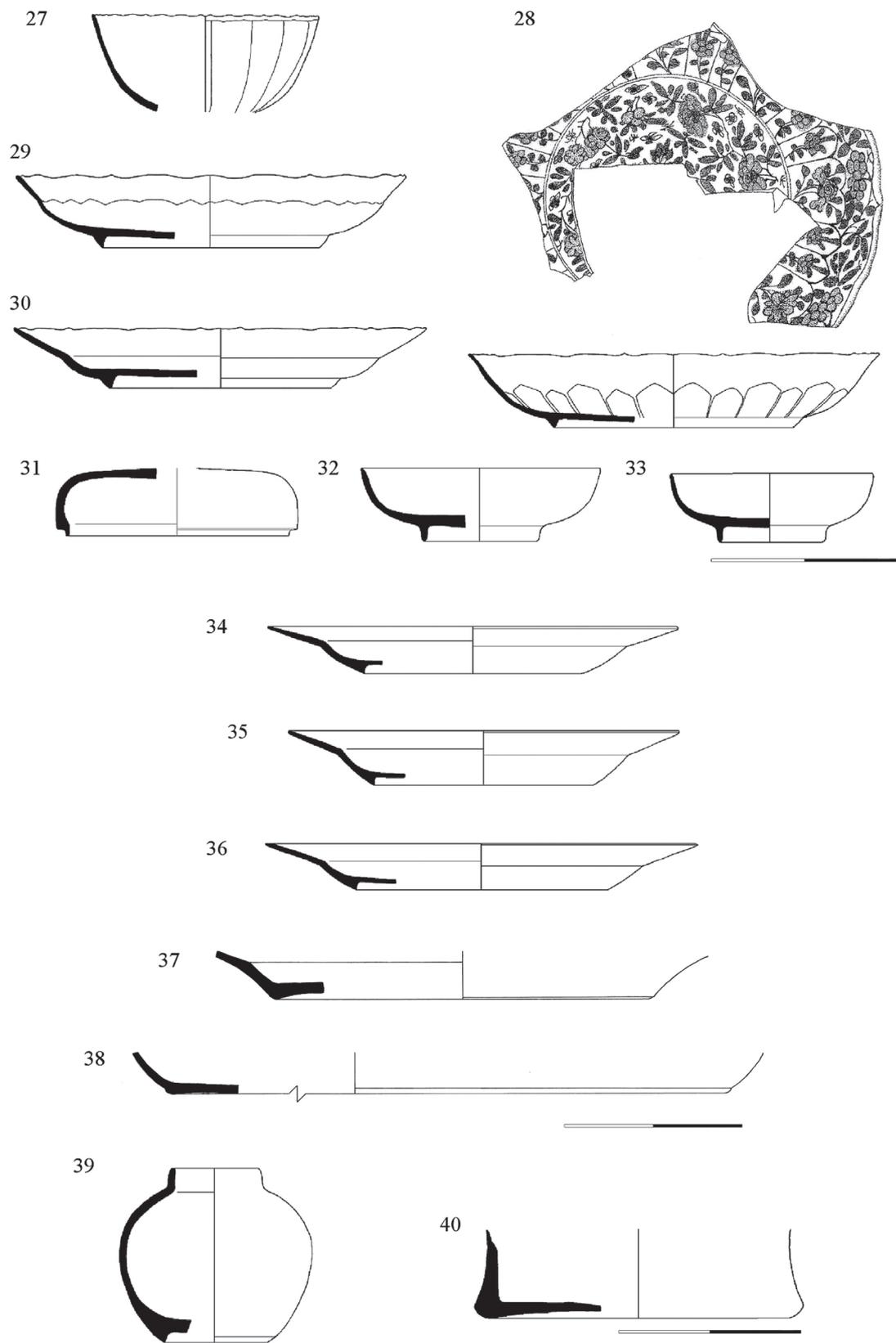
Dos finais do século XVI, na sequência das escavações realizadas na Rua de S. Mamede, foi exumado um prato com decoração dividida em cartelas, separadas por traço simples, original nas produções denominadas por *kraakporselein*, semelhante a vários exemplares existentes em diversas coleções museológicas nacionais (fig. 18) (Matos, 1996, p. 111 e 113). Também no PCP, foram recuperados dois pratos *kraakporselein*, neste caso com a separação das cartelas feita com motivos mais rebuscados, típicos dos inícios do século XVII (fig. 19 e 20) (Matos e Salgado, 2002, p. 71; Matos, 1996, p. 119) e um fragmento de pote (fig. 22) (Matos, 1996, p. 101).

Típica do reinado do imperador Wanli (1573-1619) a *kraakporselein* vai conhecer um grande sucesso nos Países-Baixos, sobretudo após o fecho dos portos portugueses, perpetrado por Filipe II, em 1595. A incorporação de Portugal no império Habsburgo, vai envolver o Estado da Índia nas suas rivalidades com a principal força naval do atlântico, a Holanda, que a partir de então se vai tornar no principal adversário comercial de Portugal no oriente.

Já em 1596 os holandeses têm em Bantam, no arquipélago indonésio, o seu principal entreposto comercial. Em 1602 a criação da Vereenigde Oostindische Compagnie (V.O.C.), vai iniciar o declínio da hegemonia portuguesa no comércio com a China. A transferência de Bantam para Fort Zeelandia, na Ilha Formosa em 1624 e a conquista de Malaca em 1641, vêm de uma vez por todas enfraquecer a posição de Macau como principal ponto de passagem dos produtos chineses para a Europa, situação da qual não voltará a recuperar.

Na realidade, foi possível verificar que a presença de *kraakporselein* nos conjuntos estudados não se mostra muito numerosa, facto a que não deve ser alheia a forte concorrência económica levada a cabo pela V.O.C. que neste período abastece todo o Norte da Europa com os produtos chineses.

No PCP, foi identificado um conjunto de peças, pertencentes a um tipo de produção totalmente diferente das que apresentamos até agora. Trata-se de três pratos comumente designados por porcelana de Zhangzhou, produzida no sul da China, na província de Fujian e na fronteira com a província de Guangdong. Caracterizam-se por apresentarem paredes grossas com corpo de cor bege ou cinza, com abundantes areias coladas no fundo das peças, cobertas por um vidro espesso por vezes com *craquelé*, decorado normalmente a azul, pintado sem contornos com pinceladas vigorosas. Embora este tipo de porcelana seja exportado em grandes quantidades para o mercado



ESTAMPA 3. Palácio do Conde de Penafiel (PCP), figs. 27-36 e 39-40; Rua de S. Mamede (RSM), figs. 37 e 38.

asiático, algumas peças acabam por vir para a Europa. É normal surgirem peças que procuram imitar a decoração das produções de Jingdezhen, como o prato com decoração central com um par de gamos numa paisagem, similar a um exemplar do Palácio de Santos, datado dos finais do século XVI (Lion-Goldsmith, 1984, p. 40, fig. 68), ou já dos inícios do século XVII se atendermos aos exemplares recuperados do naufrágio da nau Nossa Senhora dos Mártires (fig. 21) (Coelho, 2008, p. 151-156). Os outros dois fragmentos pertencem a dois pratos de grandes dimensões, forma típica neste tipo de produção, datados do início do século XVII, onde as características referidas estão perfeitamente representadas (figs. 23 e 24) (Crick, 2010, p. 339).

No que respeita às produções do período de transição entre a dinastia Ming e a Qing (1620-1683), estas não foram identificadas nos contextos arqueológicos analisados, provavelmente devido à feroz concorrência da VOC neste período. Contudo, não é fácil fazer a distinção das peças do período de transição para aquelas que começam a ser produzidas já no início do reinado do imperador Kangxi (1662-1722), pois apresentam por vezes claras influências de épocas antecedentes. Este imperador, considerado um grande protector das artes, vai ser responsável pela reconstrução da cidade de Jingdezhen, que a partir de 1683 volta a produzir largas quantidades de porcelana para o mercado externo, que até então era maioritariamente abastecido pela porcelana produzida nas províncias do sul da China e no Japão. A nomeação de Zang Yingxuan nesse ano, inaugura uma época de grande esplendor na produção de porcelana, que atinge a partir daí níveis de qualidade nunca antes conseguidos, contribuindo para o aumento das exportações e dinamização dos fornos privados. A partir desta época as formas produzidas adaptam-se cada vez mais ao gosto ocidental, deixando para trás as formas e decorações tipicamente chinesas.

No PCP, foi recuperado um conjunto de peças de origem japonesa, que atesta a importação deste tipo de porcelana para Lisboa. Terão sido provavelmente adquiridas através da V.O.C., ou nos mares do sul da China para onde eram exportadas, pois os portugueses estavam impedidos de comerciar com o Japão desde 1639, data da interdição de comerciar com Macau, após o massacre de Shimabara dois anos antes. A peça apresentada trata-se de um prato produzido nas oficinas de Arita, em porcelana muito branca de tom leitoso, decorada ao estilo *kakiemon*, com esmaltes de cor verde, amarelo, vermelho, ouro e azul, delimitados com finos traços a negro, pintados sobre um vidro *nigoshide* muito característico destas produções. Apresenta paralelos decorativos e formais com uma peça datada de 1700 (Impey, 2002, p. 158). São geral-

mente fabricadas em moldes de madeira ou de barro para se conseguirem os bordos polilobulados que as caracterizam, sendo consideradas as mais refinadas produções de porcelana japonesa de exportação (fig. 62).

Contemporâneos desta são os dois pratos e uma taça de origem chinesa, igualmente produzidos em moldes de barro ou madeira, decorados com motivos fitomórficos em azul e branco, dispostos em cartelas polilobuladas em redor de um medalhão central, organização decorativa que terá antecedentes na decoração da *kraakporselein*. Impey refere que o tipo de decoração atípica destas peças se deve ao facto de serem destinadas ao mercado indiano e muçulmano, pelo que não será de estranhar a sua presença em Lisboa devido à forte presença portuguesa na Índia. Ao nível decorativo os paralelos mais próximos que encontramos foram uma garrafa na Casa-Museu Guerra Junqueiro (Impey, 1992, p. 46). No entanto, foram recuperadas peças semelhantes de escavações arqueológicas em Macau, mostrando uma perfeita adaptação do gosto português às produções chinesas destinadas a outros mercados (figs. 27, 28 e 29).²

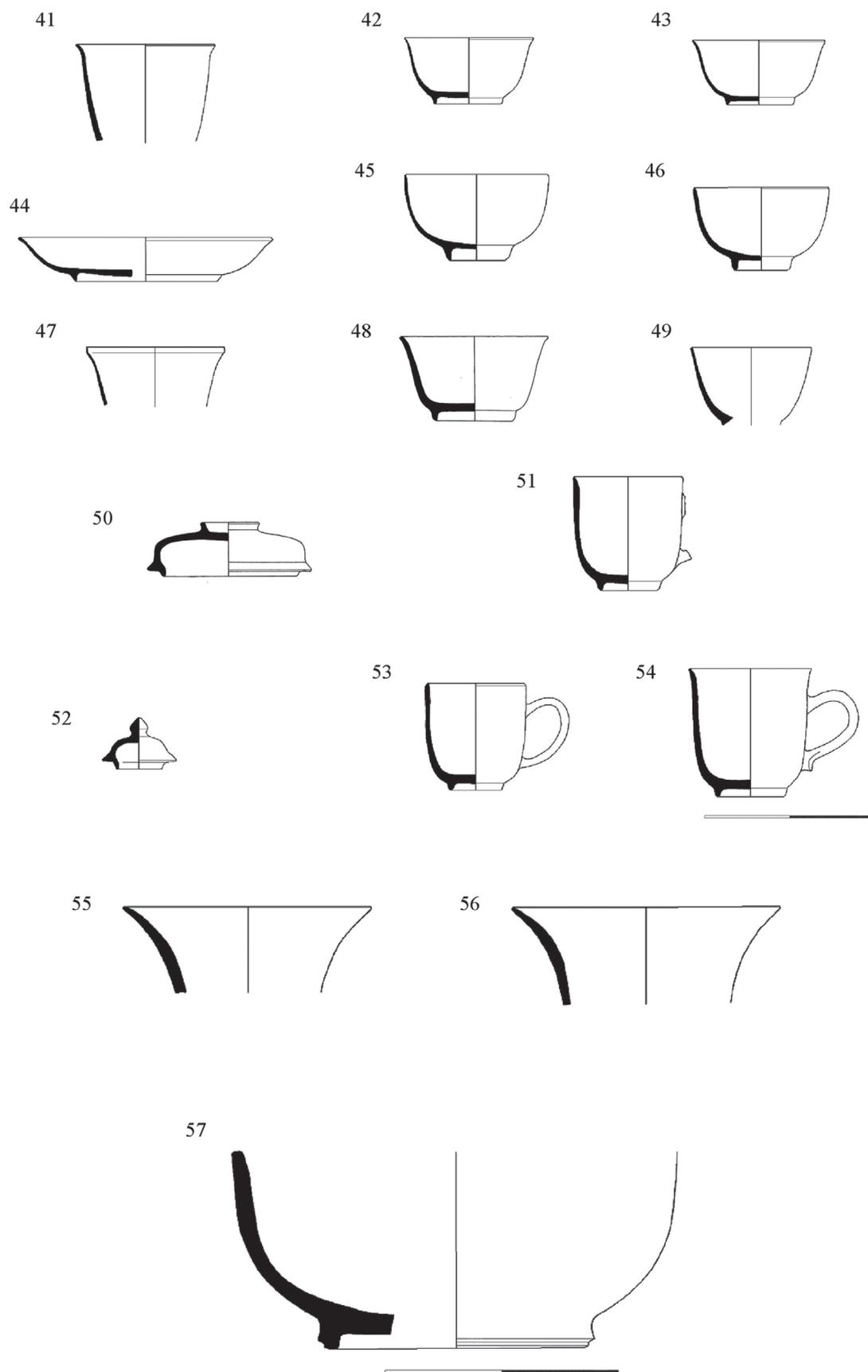
Também com a decoração disposta em cartelas na caldeira foi recuperado um prato raso com a representação de um cesto com um arranjo floral, no medalhão central, enquanto que nas cartelas figuram representações fitomórficas estilizadas (fig. 30). Apenas a organização decorativa nos permite atribuir uma cronologia dos finais do século XVII pelas semelhanças que apresenta com um prato publicado por Stephen Hartog e com um exemplar da Casa-Museu Guerra Junqueiro (Hartog, 1990, p. 60; Impey, 1992, p. 56).

O prato de grandes dimensões com fundo em ônfalo, apresenta forma bastante singular, para a qual não foi possível encontrar um paralelo formal. A aba é decorada com paisagens onde figuram indivíduos do sexo masculino e feminino, enquanto que o tardo da peça apresenta representações fitomórficas de peónias e ramos de pessegueiro (fig. 26). A datação desta peça baseia-se apenas na decoração do medalhão central, com a representação de um banquete, semelhante às representadas num jarro de época Kangxi (Macintosh, 1986, p. 95).

Para a tampa de pote com decoração a azul com ramos e flores de pessegueiro a branco, encontramos um paralelo muito fiel na obra acima citada, datado de 1700 (1986, p. 96). Este tipo de peças desempenha funções sobretudo decorativas, como iremos ver mais adiante (fig. 31).

Também no PCP foram recuperadas várias taças de média dimensão, com a representação de peónias no

2. Informação apresentada na comunicação "Museu de Macau e o Território da Companhia de Jesus – Resultados e Integração dos Vestígios Arqueológicos", durante a realização deste congresso.



ESTAMPA 4. Palácio do Conde de Penafiel (PCP), figs. 41-47, 49 e 51-57; Rua de S. Mamede (RSM), figs. 48 e 50.

medalhão central, com paralelos muito próximos no Museu do Topkapi Saray datadas de meados a finais do século XVII (figs. 32 e 33) (Krahl, 1986, p. 973, fig. 2030, 2033 e 2034). As reduzidas dimensões destes exemplares levam-nos a crer que teriam funções de ir à mesa, contendo molhos ou outro alimento servido em pequenas porções.

Ao longo do século XVII, as encomendas europeias levam a produção de porcelana chinesa a tornar-se cada vez mais especializada neste mercado. No século XVIII, para além do advento das decorações policromas de exportação, como as denominadas família rosa e verde, surgem ainda decorações influenciadas pelas produções japonesas, como é o caso da paleta *imari*, e também peças esmaltadas a castanho Batávia, cada vez mais estilizadas e despojadas das características decorações chinesas.

No conjunto estudado foi possível identificar algumas formas específicas dos serviços de mesa, destinados ao mercado europeu. É o caso dos três pratos decorados em azul e branco do PCP. Um deles apresenta decoração muito preenchida de enrolamentos de peónias, semelhante a exemplares da Casa-Museu Guerra Junqueiro (fig. 35) (Impey, 1992, p. 53 e 55). Os dois restantes apresentam decorações fitomórficas esquemáticas que embora não tenhamos paralelos cronológicos, são integráveis na primeira metade do século XVIII (figs. 34 e 36).

As duas travessas decoradas a azul e branco apresentam afinidades decorativas com os serviços de mesa recuperados do navio *Gendermalsen*, naufragado em 1752 (figs. 37 e 38) (Sheaf e Kilburn, 1988, p. 98 e 127). A presença de objectos relacionados com os serviços de chá, café e chocolate encontra-se bem atestado no conjunto do PCP, como chávenas com e sem asa lateral, pires, bules, taças e tampas de bule, onde convivem diferentes paletas decorativas.

A pequena tampa de bule, decorada a azul e branco, cuja decoração apresenta clara afinidade com uma peça congénere datada dos finais do século XVII (Martins, 2005, p. 111, fig. 14) constitui a peça mais antiga que identificámos, relacionada com o consumo de chá nestes contextos (fig. 52).

As chávenas que não apresentam asas laterais são imitações formais das utilizadas no oriente para beber chá. Dos sete exemplares apresentados, uma apresenta decoração a azul e branco onde são visíveis duas figuras femininas com vestes longas (fig. 42), e duas decoradas com esmaltes da família rosa, uma delas com a representação de elementos fitomórficos (fig. 47) e outra com a representação de um pássaro pousado num ramo (fig. 43), todas elas da primeira metade do século XVIII, atendendo às características decorativas. Ligeiramente mais tardias são as duas chávenas deco-

radas em castanho Batávia, uma delas com a representação de paisagens aquáticas dentro de pequenas cartelas decoradas em azul e branco na superfície interna (fig. 48), semelhante às recuperadas no *Gendermalsen* (Sheaf e Kilburn, 1988, p. 146; Litzenburg, 2003, p. 50), e outra decorada com medalhões circulares em reserva na superfície externa, no interior dos quais se encontram paisagens aquáticas decoradas em azul e branco (fig. 49), ambas datadas de meados do século XVIII.

Decoradas na paleta *imari*, com esmaltes vermelho e ouro associados a pintura em azul e branco sob o vidro, apresentamos mais duas chávenas em que a decoração se organiza em cartelas circulares ou em forma de cabeça de *ruy*, no interior das quais surgem representações de elementos fitomórficos, similares a pratos existentes nos Estados Unidos da América, produzidas ao longo da primeira metade do século XVIII (figs. 45 e 46) (Mudge, 1986, p. 116; Litzenburg, 2003, p. 76). Com decorações similares, apresentamos um bule ou pote globular (fig. 39), um pires (fig. 44) e uma pequena taça, provavelmente para conter açúcar (fig. 41), que nos parece pertencerem ao mesmo serviço.

No caso das chávenas com asa lateral, de clara influência europeia, foram recuperados três exemplares com decorações distintas. A primeira apresenta decoração fitomórfica, pintada com esmaltes da família rosa (fig. 51), semelhante à decoração de um bule datado do segundo quartel do século XVIII (Martins, 2005, p. 183, fig. 113). A segunda chávena é totalmente branca (fig. 53), não apresentando qualquer tipo de decoração, enquanto que a terceira, apresenta a superfície externa totalmente esmaltada a castanho, exceptuando duas cartelas em reserva com forma de folha, no interior das quais surgem pintadas flores estilizadas em esmaltes de cor rosa, verde e negro (fig. 54), temática esta comum à tampa de um pote recuperada na Rua de S. Mamede, que apresenta três folhas em reserva, pintadas com os mesmos motivos (fig. 50). Os paralelos encontrados datam estas peças dos meados do século XVIII (Litzenburg, 2003, p. 50).

A base de um pote em forma de balaústre, normalmente com funcionalidades decorativas, apresenta pintura em esmalte castanho e deverá tratar-se de uma peça com as mesmas características decorativas das anteriores, com cronologia semelhante (fig. 40).

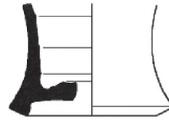
Foram também identificadas algumas peças com funcionalidade decorativa. É o caso dos dois fragmentos de bordo de jarras (figs. 55 e 56), sem qualquer vestígio de pintura, o que inviabiliza uma datação acertada. Formalmente apresentam semelhanças com vários exemplares existentes na Casa-Museu Anastácio Gonçalves (Matos, 1996, p. 175).

Pertencentes a jarras ou a potes em forma de balaústre,

58



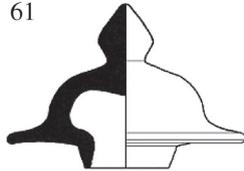
59



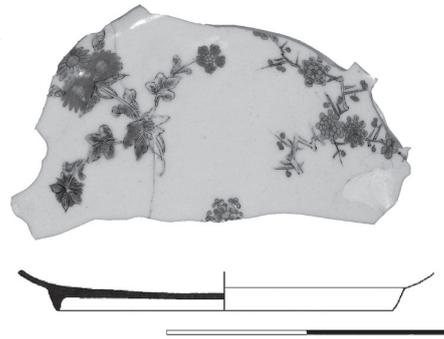
60



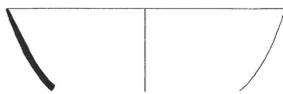
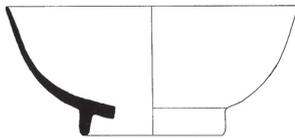
61



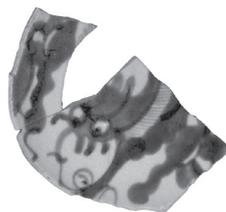
62



63



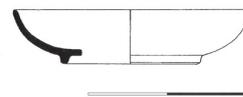
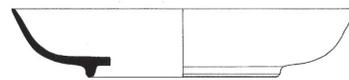
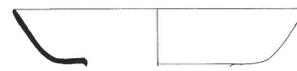
64



65



66



ESTAMPA 5. Palácio do Conde de Penafiel (PCP), figs. 58-62; Rua de S. Mamede (RSM), figs. 63-66.

identificámos três fundos, dois deles de dimensões mais reduzidas. Um dos fragmentos apresenta pintura a azul, vermelho e amarelo (fig. 60). Nos dois restantes a exiguidade dos fragmentos e o desgaste dos esmaltes não nos permitem perceber a decoração nem a aferição de cronologias seguras (figs. 58 e 59).

A tampa decorada com flores estilizadas pintadas em esmaltes da família rosa, deveria pertencer a um pote em forma de balaústre (fig. 61), à semelhança de algumas peças existentes na Casa-Museu Anastácio Gonçalves (Matos, 1996, p. 159).

O fundo de jarra ou de pote, apresenta igualmente decoração a azul e esmaltes policromos, que devido ao desgaste que apresenta não nos permite saber qual a paleta decorativa presente (fig. 57).

Trata-se de peças cronologicamente enquadráveis no século XVIII, utilizadas na decoração do mobiliário dos salões das classes abastadas. Todas elas foram recuperadas no PCP, onde provavelmente desempenhavam essa função.

O conjunto que de seguida apresentamos oferece características completamente distintas das até agora enumeradas. Todas as peças apresentadas foram recuperadas na escavação da Rua de S. Mamede, onde constituem quase metade de todos os fragmentos de porcelana exumados nessa escavação. Trata-se de produções do sul da China, da província de Fujian, realizadas em fornos privados, normalmente dirigidas para o mercado interno chinês. Apresentam decoração muito homogénea, pintada com traços vigorosos, onde a representação de um dragão a perseguir uma pérola em chamas se estende da superfície interna da peça, para a superfície externa onde figuram as patas traseiras e a cauda deste animal, levitando entre nuvens esquemáticas feitas com traços ondulados (figs. 64 e 65). O menor cuidado no controlo da cozedura deste tipo de produções gera grandes variações nos tons de azul, que pode ser escuro, claro, acinzentado, esverdeado e nalguns casos com tonalidades roxas, na qualidade das pastas, que podem ser em porcelana branca, cinzenta e nalguns casos de cor bege, assemelhando-se mais a grés porcelânico, bem como nos vidrados, que por vezes apresentam *craquelé*. Do ponto de vista formal apenas nos foi possível identificar dois tipos distintos com diferentes dimensões dentro de cada um deles: as tigelas hemisféricas, com pé anelar alto (fig. 63); e os pratos, com pé anelar baixo (fig. 66). Foram recuperadas peças similares a estas no naufrágio do *Gendermalsen*, em que os autores interpretam a sua presença como recordações trazidas pelos marinheiros, interpretação que devemos ter em conta (Sheaf e Kilburn, 1988, p. 148).

No entanto, o único paralelo que encontramos para

estas peças é um prato existente no Museu Topkapi Saray, em Istambul, datado de meados do século XVIII (Krahl, 1986, p. 953, cat. 2611).

A presença de objectos destinados ao consumo interno chinês revela-se inédita nos contextos de época moderna na Europa, sobretudo numa altura em que a produção de porcelana chinesa já se encontrava completamente adaptada ao gosto ocidental. A fácil adaptação destas formas aos usos domésticos lisboetas e o grande número em que foram recuperadas, leva-nos a pensar que o seu consumo deva ser feito por classes sociais com menor capacidade económica, que adquiriam assim objectos que continuam a ser exóticos na sua forma e decoração, sendo igualmente mais asseados e limpos que as loiças vidradas ou as faianças. Apenas a continuação do estudo deste tipo de porcelanas nos poderá trazer mais respostas acerca da sua utilização nos contextos setecentistas e perceber se a sua difusão se dá apenas na cidade de Lisboa, ou se é comum a outras cidades portuguesas.

4. CONCLUSÃO

O estudo destes três conjuntos visou a integração deste tipo de cerâmica de importação na sua vertente mais utilitária, procurando desta forma contribuir para a compreensão do papel desempenhado pela porcelana chinesa nos quotidianos de época moderna, num quadro cronológico bastante abrangente.

Desta forma, foi-nos possível verificar a precocidade destas importações, e desmistificar a ideia da porcelana como um objecto de distinção social. Na verdade, foi possível fazer uma aproximação aos diferentes tipos de peças importadas e que tipo de população as adquire. O espólio recuperado no Palácio do Conde de Penafiel sugere algum cuidado na aquisição destas peças, sendo evidente não só a grande dimensão de algumas delas, como também o número e a variedade dos tipos recolhidos, comprovando a distinta posição social dos seus compradores.

No entanto, podemos admitir que a utilização de porcelana é muito mais transversal, não se fixando apenas em classes sociais abastadas. Também os indivíduos com menor poder de compra podiam possuir alguns objectos, de dimensões mais reduzidas e/ou em menor número.

A quase totalidade do conjunto tem a sua origem na China, e representa o tipo de porcelana importada para a Europa nas suas mais variadas formas, decorações e locais de produção. Contudo, foi possível identificar a presença de produções nipónicas, cronologicamente enquadradas num período em que as relações comerciais de Portugal com o Japão já tinham cessado.

A presença de produções provinciais para o mercado interno chinês também se verificou nos contextos arqueológicos de Lisboa, embora a função e dispersão deste tipo de cerâmica ainda não se encontre devidamente compreendida.

Torna-se assim indispensável aguardar por investigações futuras, que venham a dar resposta a estas questões, e levantar outras mais pertinentes.

BIBLIOGRAFIA

- AMARO, C. e SANTOS, P. A. dos (2005) – *Acompanhamento arqueológico do Edifício do Aljube: Remodelação do R/C e Cave*. Relatório de escavação.
- ANTUNES, M. S. L. (1998) – Caminhos da Porcelana. In *Caminhos da Porcelana: Dinastias Ming e Qing*. Lisboa Fundação Oriente. p. 11-15.
- BARRETO, L. F. coord. (2007) – *Macau: O Primeiro Século de Um Porto Internacional*. Lisboa: Centro Científico e Cultural de Macau.
- CANEPA, T. (2006) – *Porcelana de Exportação de Zhangzhou: a porcelana conhecida por Swatow*. Lisboa; London: Jorge Welsh Books. Catálogo.
- CARNEIRO, A. (2000) – *O Mundo Azul e Branco: Porcelana e Faiança da Casa do Brasil (Santarém)*. Casa do Brasil/Casa Pedro Álvares Cabral: Comemorações dos 500 anos do Descobrimento do Brasil. Câmara Municipal de Santarém. p. 61-76.
- COELHO, I. A. D. P. (2008) – *A Cerâmica Oriental da Carreira da Índia no Contexto da Carga de uma Nau – A Presumível Nossa Senhora dos Mártires*. Texto policopiado.
- CRICK, M. (2010) – *Chinese trade ceramics for South-East Asia from the 1st to the 17th century: collection of Ambassador and Mrs Charles Müller*. Genève: 5 Continents; Milan: Fondation Baur, musée des arts d'Extrême-Orient. 415 p.
- DIAS, P. (1998) – *História da Arte Portuguesa no Mundo. 1415-1822*. Lisboa: Círculo de Leitores. Vol. 1 *O espaço do Atlântico*. 551 p.
- GODDIO, F. (2002) – *Lost at Sea: The strange route of the Lena Shoal junk*. London: Periplus. 288 p.
- GOMES, R. V. e GOMES, M. V. (1996) – Cerâmicas Vidradas e Esmaltadas, dos séculos XIV a XVI do Poço-Cisterna de Silves. *Xelb*. Museu Municipal de Arqueologia, Câmara Municipal de Silves. 3, p. 143-205.
- GOMES, M. V. e GOMES, R. V. (1998) – Cerâmicas dos séculos XV a XVIII, da Praça Cristóvão Colombo no Funchal. *Actas das 2.^{as} Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-medieval: métodos e resultados para o seu estudo*. Câmara Municipal de Tondela, p. 315-348.
- GONÇALVES, J. L. M. e CARVALHO, E. (2006) – Convento dos Dominicanos da Serra de Montejunto (Cadaval). *Actas do 3.º Seminário do Património da Região Oeste*. Câmara Municipal do Cadaval e Associação Património Histórico, p. 67-78.
- HARTOG, S. (1990) – *Pronken met Oosters porselein. Ts'ai hui tz'u ch'i*. Zwolle: Waanders. 153 p.
- IMPEY, O. R. (1992) – *Cerâmica do Extremo Oriente. Casa-Museu Guerra Junqueiro*. Porto: Câmara Municipal. Divisão de Museus. 89 p.
- IMPEY, O. R. (2002) – *Japanese export porcelain: catalogue of the Ashmolean Museum*. Oxford. Amsterdam: Hotei Publishing. 263 p.
- KASSEL, S. K. (1990) – *Porzellan aus China und Japan: die Porzellangalerie der Landgrafen von Hessen-Kassel*. Berlin: D. Reimer. 588 p.
- KRAHL, R. e AYERS, J. (1986) – *Chinese Ceramics in the Topkapi Saray Museum. Istanbul: a complete catalogue*. London: Sotheby's Publications. Vol. III. Qing Dynasty Porcelains, p. 905-1381.
- LEITE, J. R. T. (1986) – *As Companhias das Índias e a porcelana chinesa de encomenda*. Salvador: Fundação Cultural da Bahia. 256 p.
- LION-GOLDSCHMIDT, D. (1984) – *Les porcelaines chinoises du palais de Santos*. *Arts asiatiques*. Paris. 39. p. 5-72.
- LITZENBURG, T. e BAILEY, A. T. (2003) – *Chinese export porcelain in the Reeves Center Collection at Washington and Lee University*. London: Third Millennium Publishing. 288 p.
- LOCSIN, L. e LOCSIN, C. (1970) – *Oriental ceramics discovered in the Philippines*. Tokyo: Charles E. Tuttle. 249 p.
- MACINTOSH, D. (1986) – *Chinese blue & white porcelain*. London: Bamboo Publishing. 181 p.
- MARTINS, M. M. d'O. coord. (2005) – *O Chá da China: Uma Coleção Particular*. Lisboa: Centro Científico e Cultural de Macau. 278 p. Catálogo.
- MATOS, M. A. P. de (1996) – *A casa das porcelanas: cerâmica chinesa da Casa - Museu Dr. Anastácio Gonçalves*. Lisboa: IPM. 287 p. Catálogo.

MATOS, M. A. P. de (1997) – *Azul e Branco da China. Porcelana ao Tempo dos Descobrimentos: Coleção Amaral Cabral*. Lisboa: Instituto Português de Museus. 194 p. Catálogo.

MATOS, M. A. P. de e SALGADO, M. (2002) – *Porcelana chinesa da Fundação Carmona e Costa*. Lisboa: Assírio e Alvim. 181 p. Catálogo.

MUDGE, J. M. (1986) – *Chinese export porcelain in North America*. New York: C.N. Potter. 300 p.

POPE, J. A. (1956) – *Chinese porcelains from the Ardebil Shrine*. Washington: Freer Gallery of Art. 194 p.

SANTOS, A. V. (2007) – *Portugal na porcelana da China: 500 anos de comércio*. Lisboa: Artemágica. Vol. I. 259 p.

SANTOS, P. C. (2002) – As porcelanas da China no velho mosteiro de Santa Clara-a-Velha de Coimbra. *Oriente*. Lisboa: Fundação Oriente. 3. p. 53-59.

SHEAF, C. e KILBURN, R. (1988) – *The Hatcher porcelain cargoes : the complete record*. Oxford: Phaidon. 192 p.

TROUSSELLE, Y. (2008) – *La voie du Imari: l'aventure des porcelaines à l'époque Edo*. Paris : CNRS. 227 p.